

## **Protocolo de Entrevista - Presidente do Conselho Executivo da Escola «O Escritor»(EE7)**

**Entrevistada:** Professora - Presidente do Conselho Executivo

**Entrevistador:** José Hipólito

**Data/Hora:** 24 de Outubro de 2008, 11h00

**Entrevistador:** - A primeira questão: é como se processou a candidatura da escola ao convite do ministério da educação à avaliação externa.

**Entrevistada:** - Então a candidatura da escola foi feita a informação por parte do ministério de educação via e\_mail para as escolas todas e portanto nós aqui respondemos ao convite. Havia algumas condições que eram necessário ter-se para se poderem inscrever-se. E de acordo com os itens que eles colocavam nós tentamos responder. Nós tentamos responder isto é, nós não tínhamos exactamente todas as coisas que estavam lá de uma forma estruturada. Portanto era necessário que a escola, uma coisa que eu recorde, uma coisa prioritária era que, quem quisesse participar na experiência deveria ter mecanismos de autoavaliação estruturados. Portanto já nessa altura, nós tínhamos mecanismos de auto-avaliação mas não tínhamos, na minha opinião, suficientemente estruturados. E portanto quando eu candidato a escola o que estava à procura era que precisamente a necessidade de que houvesse dentro da escolas, encontrar o mecanismo para estruturar esses mecanismos como deve de ser. E portanto como eu acho que estas experiências servem para aprender, eu digo assim: “é aqui que eu vou buscar respostas” e foi. Apresentamos ali e de acordo com o projecto educativo e das coisas que nós tínhamos, e candidatamo-nos. E eles para espanto, meu pensei que não éramos aceites, porque aquilo não estava muito bem estruturado, mas efectivamente fomos aceites que eles tinham outros critérios nomeadamente em termos de diversificação de tipo de escola e de diversificação de regente

**Entrevistador:** - Quem participou mais activamente foi o conselho executivo?

**Entrevistada:** - Neste caso, foi o presidente do conselho executivo, isto da candidatura foi praticamente da minha responsabilidade. Meti pronto. Depois no que diz respeito, à forma como o processo foi desencadeado constituiu praticamente uma equipa de pessoas que eu acho que existem na escola, e poderiam estar mais dentro destes aspectos, nomeadamente, o presidente da assembleia, o presidente do pedagógico e uma assessora que nós tínhamos, e que continuamos a ter, só para a área de auto-avaliação da escola.

**Entrevistador:** - E em relação à visita dos avaliadores como é que foi preparada? Como foi o contacto como o grupo de trabalho.

**Entrevistada:** - Vamos ver se eu sei contar o processo. Portanto nós só fomos convidados e inscrevemo-nos depois tivemos uma reunião de preparação que eu acho que foi, quer dizer nós tivemos duas reuniões. Uma de informação geral e outra posteriormente já depois dá...

**Entrevistador:** - Houve uma em Aveiro

**Entrevistada:** - Sim, houve uma em Aveiro mas eu acho que depois houve outra mas agora já não estou muito recordada onde foi. Houve uma em Aveiro que nos explicaram as coisas. Foi a de Aveiro.

**Entrevistador:** - Só tenho conhecimento de uma.

**Entrevistada:** - Portanto foi a de Aveiro.

**Entrevistador:** - Como é que correu qual foi a impressão da escola.

**Entrevistada:** - Eu tinha grande esperança nisto, e neste trabalho, precisamente para nós aprendermos. Fazer auto - avaliação é de facto muito difícil e sobre tudo porque há muitas .. para não entrar em campo com coisas que se calhar não interessam para o seu estudo. Há muitas teorias, há varias políticas de avaliação dos sistemas e das escolas e portanto, há escolas que pagam a entidades para fazer este tipo. A que chamam avaliação externa e que pensam que deve ser um elemento externo à escola que deve fazer a avaliação. Portanto é uma empresa. Eu tenho conhecimento de uma que faz isso. Agora já há mais, porque isto também é mercado. Porque com certeza se houver criam mecanismos e há aqui, pode haver aqui um sector económico a explorar. Eu sou um bocadinho contra este tipo de coisas. Embora cai tudo sobre os professores eu sou um bocadinho contra este tipo de coisa. Eu não consigo ver a escola como uma empresa. Lamento imenso, para os senhores, para os políticos, mas não consigo ver a escola como uma empresa. Perde a alma. A escola não é uma empresa, não é e não será. Podem tentar, eu acho que só se for privada ou de adultos é que pode funcionar como empresa. Não pode funcionar como uma empresa. Eu acho que as escolas públicas não podem funcionar e o espírito não pode ser esse. Ainda tentei ver se sou eu que sou atrasada. Cada vez mais eu penso que este espírito empresa pública acabou, ardeu, pronto não pode na minha opinião.

**Entrevistador:** - Foi esclarecedora essa reunião.

**Entrevistada:** - Não. Isto era, era o que eu. Ora nós crescemos. Eu de facto não queria transformar a escola numa empresa. Eu gostava, fui amadurecendo. Eu queria um espírito de uma experiencia que já tem havido

em Portugal que é com as pessoas. Eu já tinha lido uns livros e uma experiência tinha lido e “o amigo crítico” e gostei do modelo de *a escola de Serena*. Não sei se conhece este livro. Este livro em português foi traduzido era a *Escola de Serena* e que foi beber a uma experiência em que Portugal também participou e que agora não me lembro agora o nome e pronto. Eu achava que tínhamos que ser nós. Mas temos que saber o que queremos avaliar e o como se avalia. E temos que estudar, isto é os professores têm que aprofundar, têm que crescer nas dinâmicas da escola. Uma das dinâmicas tem que ser esta. Porque efectivamente é uma das formas dos processos melhorarem, e umas das formas de se ultrapassarem as dificuldades. É perceber o que queremos, como vou avaliar este e este aspecto, porque isto também nos dá o feed - back o que corre mal e o que corre bem. Como é que eu posso eventualmente melhorar e enquanto tempo.

Então lá fomos nós para esta avaliação da escola que é uma avaliação externa, não sendo bem, uma auto - avaliação mas como implicava mecanismos eu considerei que “podemos aprender”. A minha perspectiva foi “vamos aprender” mesmo que não dê em grande coisa vamos aprender. É aqui que nos temos dificuldade: que é implementar uma coisa. E ainda temos. Já conseguimos implementar alguma coisa, mas ainda temos.

Resposta disto, gostei, não gostei? Eu sinceramente acho a equipa, o Dr. Pedro qualquer coisa, que agora não me lembro do nome. Achei, sei lá, não o conheço de lado nenhum, nem conheço o curriculum, mas a maneira como decorrem as reuniões. É uma pessoa aberta e uma pessoas que estava, francamente, para ajudar.

Depois ele tinha vários elementos que estavam para ajudar. A equipa que veio aqui. Correu um bocadinho mal aqui. Porque, é assim, nós temos dois e\_mails. O processo correu um bocadinho mal aqui. Mal, porque falhou a comunicação com esta escola. Houve atraso, isto é um agrupamento muito grande, às vezes há atrasos. Há sempre muito que fazer, e eu não fui pronta a dar determinadas respostas. Depois eu dei o e\_mail do conselho executivo mas eles mandavam os e\_mails para a secretaria, e elas não viam imediatamente. E quando eu percebi que havia qualquer coisa que me estava a falhar já o e\_mail estava na secretaria à quinze dias. Hoje a secretaria é capaz de ir ver os e\_mails todos os dias mas naquela altura não iam, não verificavam. Eu andava aqui descansada e o processo a andar. Falhei imensas coisas, imensas, algumas importantes, por causa disto. E na altura, portanto, foi marcada a visita. A visita eram 3 dias, marcaram os 3 dias e depois já me lembrei houve aqui também uma falha é que mandaram um e\_mail que queriam receber às tantas horas não sei quem, tinham que ser alunos pais de alunos, elementos do conselho executivo do conselho pedagógico.

Como é que eu preparei? Não preparei. Eu acho que estas coisas não se podem preparar, a única coisa que eu fiz foi “não vou aqui fingir”, não é esse o meu objectivo, “que a escola está organizada” É assim, avaliar nós sabemos como se avalia, e sabemos como se prepara um..., até porque agora vem aí a avaliação dos professores e vai ser a mesma coisa. Posso fazer aquilo que faço sempre, ou posso fazer aquilo que nunca faço mas que vou fazer agora para isto pronto. E eu achei que não tinha nada que preparar as pessoas, não preparei no sentido de dizer que têm que fazer isto, têm que ter atenção a. Não, não eu acho que o objectivo era abrir e ver o que somos. E portanto, a única coisa que eu fiz, foi o grupo de pessoas.

Bem, as pessoas foram preparadas no sentido da marcação de horas. Mas muito preocupadas. Entraram aqui um bocadinho em histerismo. Porque eu as meti para alguma coisa e iam ser avaliados. Eu disse: - É pá, isto aqui, é, o que é, não entendo a avaliação, assim. As coisas são assim, a avaliação não me mete mede. Tentei acalmar as pessoas, só as pessoas é o que é não vamos para lá aldrabar. Vão ser questionadas e pronto.

A equipa que estive aqui os 3 dias, falou com as pessoas que entretanto eu tinha preparado para falar e que o leque era o mais diversificado possível. O objectivo era esse. O meu objectivo era esse. Fiz aquilo que me colocaram as questões todas às pessoas. E pronto fizeram a avaliação deles.

Esta equipa era chefiada, eu agora não me lembro dos nomes. Acho que eram 3 pessoas. Agora não me lembro dos nomes. Também não interessa.

**Entrevistador:.** -Não tem interesse.

**Entrevistada:** - Pronto.

**Entrevistador:.** - E o relatório? Como foi recebido.

**Entrevistada:** - O relatório? Ai é que foi o desastre total, a porque eu não o vi. Eu não o fiz relatório, não o vi. Não argumentei contra o tal relatório. Contra ou a favor eu não argumentei porque não o vi. Enviaram o tal relatório mas falhou, a tal comunicação. Eu quando percebi que há um relatório no e\_mail da secretaria. A secretaria não foi ver, acho que passou o prazo. E eu apercebo-me de que há um relatório e que eu tenho que fazer, aí como lhe chamam?

**Entrevistador:.** -O contraditório.

**Entrevistada:** - O contraditório. Adoro essa a expressão. Eu tinha que ter feito o contraditório e não o fiz, tinha que acabar o prazo. Entretanto eu tinha uma avaliação e estava a ficar um bocadinho triste. Embora quando eu olhei para a avaliação que eles fizeram e, havia só um, ou outro, ponto que eu discordei. Discordei é assim.

**Entrevistador:** -Quais foram esses pontos?

**Entrevistada:** - De resto, de uma maneira geral, era aquilo. De facto havia problemas na escola. Do ponto de vista da liderança, havia, porque a equipa era nova. O conselho executivo existia à dois anos. Também tinham passado por um período de agrupamento, Absolutamente de acordo. E as pessoas à frente do departamento também sem perspectiva nenhuma. Não considero que aqui haja aqui grandes líderes e continuam a não existir. Portanto pessoas que saibam muito bem...Existe gente que trabalho muito bem, existe pessoas que sabem o querem mas não são muitos. Às vezes vamos a algumas escolas que parece que à pessoas que apresentam propostas mas há aqui uma certa dificuldade é uma escola muito desorganizada. Havia, aqui, um problema de perspectiva a médio e longo prazo. Embora, como em todas as escolas, exista aquele slogan: "nós queremos o sucesso educativo". Mas isso, é o que todas querem. Isto, não é nada. É uma frase que, quer dizer muito, e não quer dizer nada. Porquê, são aquelas frases feitas. Toda agente diz mas depois qual o significado? É vazia de significado porque não há planos para fazer esse tipo de coisas.

Nós, na altura a critica, acho que nós tivemos 2 bons e 3 suficientes. Bom, na prestação de serviços educativos e outro bom, sinceramente, já não me lembro em quê. Só sei que eram cinco as áreas. Lembro-me que ao nível da liderança não. Mas sobretudo aquilo que me... é que havia ali algumas coisas que eles perceberam mal mesmo. Perceberam mesmo mal. Já agora eu podia. A morte de uma colega. Havia ali alguma coisa, que tinha morrido uma colega...Ah! que nós tínhamos tido uma experiência do observatório de observação, e que tinha acabado, porque a colega morreu. Escreveram isto. A colega não morreu, e eu fiquei assim um bocadinho, isto agora, fica, aqui assim escrito, não faz sentido.

A outra, o que mais me custou foi, nós naquela altura, em que eles estiveram aqui, era que nós estávamos atrasados relativamente ao projecto educativo do agrupamento. Portanto, o agrupamento tinha sido montado e nós tínhamos montado um esquema de construção, que para mim foi sem sombra de dúvida, o melhor processo de construção do projecto educativo. Não foi com inquéritos não foi, fomos beber ao tal livro, estudamos aqueles livros da.. ai como se chama? "School mast ", "as escolas devem falar....Não. O projecto que veio a dar o livro de "Serena" o autor é o mesmo. O projecto veio dar o livro de "Serena"

**Entrevistador:.** - Pois é o mesmo autor.

**Entrevistada:** - Anda à volta. É um estudioso inglês. Não me preparei para falar consigo. Não sei neste momento nem o nome do autor nem do livro. é assim qualquer coisa mas pronto: " A escola de Serena". Tem uma parte que é a Serena a falar e outra parte tem os mecanismos de auto-regulação das

experiências que foram feitas. E os elementos que lá estão de participações dos pais, reuniões em pequenos grupos e fazendo determinadas perguntas. Montamos aqui um esquema, não para a autoavaliação, mas para a construção do projecto educativo, que ia demorar mais tempo, sobretudo a aprovar, mas que era participado, eu não digo que por toda agente da escola, mas por todos os sectores da escola. Nós fizemos uma espécie de assembleias mas misturadas. Fizemos sobretudo com associação de pais, professor, departamentos mas em grupo. Juntos, por exemplo, pedagógico, assembleia. Juntávamos os órgãos e fazíamos pequenas questões. O problema é que se perde muito tempo. Portanto, havia coisas, que vinham do projecto educativo de trás, depois com a ajuda desse livro montamos aqui em 3 quatro horas, fazíamos reuniões de 3, 4 horas, com pequenos jogos de participação e chegávamos às questões. Nós só queríamos 3 problemas prioritários para resolver. Foi saindo assim. Fomos fazendo assim. Quando estes senhores chegaram, eu podia ter dito: - tenho um projecto educativo, mas eu não o tinha aprovado. Isto é, eu tinha uma proposta de projecto educativo que estava praticamente, já estava quase. Portanto eles vieram em Abril o e eu estava atrasada praticamente um ano em termos de apresentação do projecto educativo. Eles pediram o projecto educativo e eu digo: - ainda não está. E explico-lhes o processo. Não está aprovado, mas é evidente que nós tínhamos já linhas orientadoras, que já tinham sido aprovadas no trabalho anterior. Eles partem logo do princípio que esta escola não tem liderança porque não tem projecto educativo. Isto não pode ser assim, o projecto educativo mesmo que não exista no papel existe sempre. Mesmo que não esteja bem delineado. Aqui o agrupamento foi prejudicado, por não ter apresentado esse documento. Eles não quiseram saber muito do processo. Só aqui é que eu acho que falhou. De uma maneira geral, mais coisa menos coisa, também é uma visão exterior acho que também é importante para nós avançarmos. No entanto, nos somos humildes nos fazemos, nós dizemos pois nós temos esta dificuldade.. Depois nós vamos a outras escolas que são muito menos organização do que esta e muito menos perspectiva, e no entanto, aparecem com perspectivas muito grandes. É a maneira como se vende o produto. Eu vendo o produto humildemente, é a minha perspectiva da vida e de tudo. Nós queremos, é melhorar, nós, nunca estamos lá. Aprendemos sempre qualquer coisa e é essa a perspectiva desta escola.

**Entrevistador:** -E depois como foi a construção da proposta de contrato. E a negociação?

**Presidente C. Executivo.** - É assim, eu não fiz contraditório, mas fiz questão de fazer um e-mail pedindo desculpa, porque não tinha lido e o senhor facultou-me, não ia servir de nada, mas possibilitou-me. Se eu quisesse dizer alguma coisa podia e eu disse. Aliás, eu também não concordo com

contraditórios...Quer dizer pode haver um ou outro aspecto mas nós estamos aqui é para aprender, tiveram aquela sensação muito bem. É a sensação deles. Pode ter assim uma sensação assim, tivemos uma reunião e chamamos à atenção que a colega estava viva e falamos do PEE. Foi uma reunião assim. Acho que chegou. Eu acho que chega. Temos que ter espaço para dizer alguma coisa, mas se é um olhar exterior, é um olhar exterior, independentemente de um ponto ou outro em que haja discordância. Não devo. Até parece que me estou a defender. Não tenho que me defender. Se não está muito bem, mas viram assim, Também não mostrei de forma diferente. Passou essa fase. Está feito. Percebi no meio do processo, Eu não percebi logo quando candidatei a escola. Só aí é que percebi, e acho que eles também não tinham isso muito claro. O meu objectivo era a autoavaliação e não a avaliação externa E pensei como temos que ter a avaliação interessa-me é este mecanismo de autoavaliação. E também acho que é muito importante que a escola tenha um olhar para ela perceber por onde deve começar que ajuda a traçar um caminho. Um olhar exterior ajuda a balizar, ajuda a definir. Andamos aqui com um esforço imenso mas não temos caminho bem traçado. Ajuda a traçar um bocadinho melhor. Portanto foi sempre esse o meio objectivo a avaliação externa foi um complemento.

**Entrevistada:** - E a pergunta era? Como chegamos à negociação?

**Entrevistada:** - Nesta altura, eu não tinha percebido que havia esta implicação: auto-avaliação, avaliação externa e imediatamente a seguir a autonomia, percebi depois. Quando depois veio a senhora ministra dizer que todas as escolas que entraram nesta primeira linha de avaliação, que eram 24, que iam assinar os contratos de autonomia, logo a seguir as avaliações depois de irmos aquelas reuniões todas, montou-se aqui o esquema e mais uma vez lá vai falhar.

**Entrevistada:** - Paralelamente à avaliação externa, nos fomos enviados, convidados penso que é este o termo. Portanto, ao mesmo tempo que estava a funcionar a avaliação externa, houve um convite devido aos conflitos, para o TEIP dois. E isto da autonomia, estava tudo em paralelo, foi tudo ao mesmo tempo, eu estava a fazer o mestrado, enfim até me ri aqui.

**Entrevistador:** - Isso foi?

**Entrevistada:** - Foi muito bom.

**Entrevistador:** -Foi uma iniciativa de quem?

**Entrevistada:** - Foi uma iniciativa, foi um convite por parte da DREL. Porque eu participava todas, todas as ocorrências. Mas, mesmo todas, todas as ocorrências relatávamos, para a DREL. Porque tinha pedido e tinha

conseguido, ter um guarda do ministério de educação. Nós então relatávamos tudo e eles até achavam que era de mais. Era de mais porque nós relatávamos tudo o que se passava dentro da escola. Portanto eles consideravam que para um TEIP 2 até já havia escolas, e que esta escola pelo numero de participações que fazia lá chegar fazia sentido.

Eu sou convidada para uma reunião, em Agosto, em 31 de Agosto ou a 20 de Agosto. Uma reunião que não chegou, porque de vez em quando havia aqui umas coisas. Acho que falhei a essa reunião e então recebo uma segunda informação dizendo: porque é que faltei aquela reunião tinha que ir a uma outra. Era Agosto, Verão, e eu pensei: esta gente não dá sossego. E lá vou eu muito espantada, porque não sabia ao que ia. Era então o convite para o TEIP. Então depois perguntei: porque é que estou a ser convidada e eles explicaram. Então a partir dai comecei a medir o TEIP

**Entrevistador:** -Isso em 2007.

**Entrevistada:** - Eu assinei o TEIP, exactamente, a 1 de Junho de 2007 e já não consegui apanhar a primeira assinatura dos TEIPs. Já apanhei, a segunda, que foi no dia mundial da criança. Não foi em 2008, foi em 1 de Junho de 2007 que assinei os TEIPs. Portanto, foi tudo, coincidiu a avaliação, e as propostas de autonomia e as reuniões de autonomia com os TEIPs. Eu pude ter um paralelo, muito grande, entre a forma de trabalhar do TEIP que foi a DGDC e forma como conduziram as escolas para que fizessem as suas propostas, para que fizessem o TEIP, e como conduziram as escolas para fizessem a sua proposta para a autonomia

**Entrevistador:** -Isso dos TEIP foi conduzido por ?

**Entrevistada:** - Pela DGDCI, foi muito bem conduzido. Porque eu estive na autonomia e não foi nada bem conduzido

**Entrevistador:** - Então e voltando à autonomia, acabou o processo de avaliação externa, a escola chegou a receber o relatório final no conselho nacional de educação.

**Entrevistada:** - Sim eu fui lá mas. Sim nós recebemos o relatório final. O contraditório era feito em função de um relatório e de uma a avaliação a escola sabe. Eles mandaram a avaliação está aqui e a escola sabe. A escola sabe e reflectiu. É em função dessa avaliação, que continuamos a trabalhar. Eu pelo menos continuo a trabalhar muito com base nessa avaliação. Mesmo os TEIPs eu por mim foi constituído muito com base nessa avaliação. Com base nas aprendizagens que fomos fazendo estes processos. E pronto e fizemos. Também me atrasei, nesta coisa, do contrato de autonomia.

**Entrevistador:** - Recebeu algum normativo, exemplo para fazer a Vossa proposta.

**Entrevistada:** - Nada, zero, zero

**Entrevistador:** -Mas chegaram a ir ao Porto?

**Entrevistada:** - Depois fomos ao Porto.

**Entrevistador:** -E Fizeram um projecto?

**Entrevistada:** - E fizemos um projecto. Acho que as escolas fizeram um projecto. E andaram a ver o que havia por aí. Eu por exemplo, fui beber... Só havia uma escola com contrato de autonomia, a de lá de cima do Porto, que é a Escola da Ponte. E havia a lei 43. Foi à Lei 43, que é aquela que definia a autonomia. E fomos para o Porto com um projecto. Fomos ao Porto e fomos recebidos pela Senhora Directora da DRE do Norte, a Margarida..Estava então com uma equipa de especialistas. Eu creio que eram 4 que eram. Eram 4, um era o Formozinho, o outro era .. eram todos da Universidade do Minho. O outro tinha sido meu professor, que eu fiquei espantadíssimos, que se tinha jubilado, e havia outros dois... Portanto era uma equipa que o ministério convidou para acompanhar estas propostas e o processo todo. Pronto, aaa eu ainda me ri porque encontramos o Fernando, como é que ele se chama? Sousa Fernandes muito simpáticos, amorosos. Eles perguntavam coisas, relacionadas não com o contrato, não com as propostas que nós tínhamos enviado, mas com coisas relacionadas com a realidade da escola, mais do que propriamente aquilo que estava no papel. Pronto e saímos dali, no sentido de melhorar a proposta, no sentido de vir de encontro a algumas coisas nomeadamente alunos estrangeiros que tínhamos aqui e eles tinham ido buscar números acho que é a uma coisa que é o MISI. Os nossos números não batiam com os números que eles tinham lá. Uma coisa que eu acho mal. Nós não temos acesso aos números de eles têm. É assim, não percebo, onde é que eles vão buscar esses números e o que está errado. Ficámos depois de verificar o que se passava com esses números e ficámos então de melhorar o projecto em alguns pontos.

**Entrevistador:** - Mas em que pontos?

**Entrevistada:** - Eu também fiquei à espera que eles dissessem alguma coisa.

**Entrevistador:** - Mas que pontos?

**Entrevistada:** - Os pontos foram essencialmente os objectivos. Nós entretanto já tínhamos feito os objectivos do TEIP, portanto eu agarrei e dei a volta, o que eu vou querer na autonomia? Aquilo que eu queria para os TEIP. Os objectivos últimos são os mesmos do TEIP, tem a ver com o sucesso, abandono. Não é? Então esses números eram idênticos. Idênticos, um bocadinho. Então o que é

eles nos disseram? Ir mais pela positiva, em vez de pôr diminuir o insucesso, pôr: “Chegar ao sucesso de” e ser mais audazes, audaciosos. E é verdade, não somos temos medo, não somos nós, é a escola. Podemos estar a implicar a escola, em números que depois não somos capazes de concretizar. Eles depois disseram: “temos que ser audaciosos se depois chegamos ou não logo se vê”. E portanto nós modificamos tentando ser mais audaciosos. Mas mais uma vez eu fiquei à espera que houvesse mais alguma coisa. E fruto de muito trabalho e isto atrasou um bocadito. E o que acontece é que fomos chamados uma segunda vez, no segundo *round*, esquisitíssimo. O segundo *round*, foi em Lisboa com o Adjunto do Director Regional e não sei quantas meninas da Direcção Regional de Lisboa. Estava uma Dr<sup>a</sup> Júlia Araújo, Dr<sup>o</sup> Joaquim Barbosa e mais duas ou três pessoas e portanto eu com a minha equipa.

**Entrevistador:** - Mas foi uma reunião com todas as escolas da DREL?

**Entrevistada** - R. Não foi com cada uma. Com cada uma para discutir o seu projecto, para apresentação do seu projecto. Este encontro aqui foi um bocadinho. Portanto o outro lá em cima, foi o primeiro. Este aqui, na altura, a sensação que nós ficamos. Bem eu na altura, não tinha mexido em nada. Falamos dos números que não batiam, falamos da questão da super lotação porque na altura a proposta que nós fazíamos é que fossem só X alunos por turma para combater o insucesso. X alunos no 7<sup>o</sup> ano, X alunos por turma e que havia aqui um problema. Quer dizer nós temos que mandar os alunos do 7<sup>o</sup> ano. Temos 11 turmas do 6<sup>o</sup>, quando chegar ao 7<sup>o</sup> tem que ir embora. Quer dizer que ao nível do sucesso do 9<sup>o</sup> ano, aqui, os números da minha escola são fictícios, porque eu preparo os alunos no agrupamento, até ao 6<sup>o</sup> ano e depois têm que ir embora para outra escola. Ficam felicíssima porque os meus alunos são óptimos e eu fico aqui com o quê? Com os alunos fracotes. Se é TEIP ficam, se é bairro São José, que é um bairro de reinserção social fica, se não vão embora. E depois a DREL. Tenho aqui, agora sou eu que tenho vagas. Quer dizer ninguém tem vagas. Miúdos da Casa Pia que moram aqui em frente. Agora, neste momento, nado aqui em situações graves e sou eu que fico aqui com elas. O melhor vai para a secundária de Mem Martins. Das duas, três. Ou recebem logo lá. Que recebam. Mas não sou que vai dizer à Secundária que os recebam. Que os recebam e que os formem. Por que hei-de ser eu aqui? Formo os miúdos e depois entrego-os no 7<sup>o</sup> ano? Eu gostava de receber e terminar assim é que posso ver o meu trabalho. E nessa reunião, lembro-me que a grande questão era que queriam que nós propuséssemos que então a escola secundária de Mem Martins passasse a receber alunos do 5<sup>o</sup> ano, entre outras. Esta era uma delas. Eu vi-me embora, quer dizer? Eu é que vou dizer à escola de Mem Martins para receber alunos? Quer dizer eles mandam-me enfiar aqui alunos. Não há espaço, é da rede, mandam-me, aqui, enfiar alunos no 7<sup>o</sup> ano. E eu é que vou propor? Quer dizer vou arranjar uma

guerra entre escolas? Façam eles, eu não faço essa proposta na autonomia. Bom, mas entretanto, acho que falhei, aqui, na entrega final do projecto.

**Entrevistador:** - Mas nessa reunião, foi o único ponto?

**Entrevistada:** - Sim, mas nunca mais disseram mais nada. Nessa reunião foi o único ponto. Eles deram um prazo até às férias, mas não disseram mais nada. E eu também fruto do trabalho achei que eles iam dizer qualquer coisa. Mas qualquer é o meu espanto. Depois começa a história dos horários preparar o ano seguinte. Nunca mais tive tempo no meio disso tudo. Também não disse mais nada. Achei que eles iam dizer qualquer coisa. Olhe entregue. Quando foi o meu espanto quando as minhas colegas me vieram dizer: ...“olha as escolas assinaram o contrato de autonomia no dia tal”. Nomeadamente a presente da assembleia que tinha assumido. Portanto era eu, era a presidente da assembleia, era a presidente do pedagógico. Normalmente éramos nós que preparávamos os documentos e levávamos aos grupos disciplinares, se fosse caso disso, e participávamos sempre. Porque não sou eu, amanhã vou-me embora e estão cá os outros. Portanto esta era a equipa que acompanhava sempre nestas coisas. Portanto a presidente da assembleia quase me deu a entender que nós não assinamos porque tu não entregaste a proposta. E eu disse: “bom, se calhar”. Mas fiquei assim, falho uma entrega, e ninguém diz nada. Entretanto não disse mesmo nada. Passou. Entretanto começou o ano e a ministra começa aquelas reuniões e toda a agente.. porque entretanto, eu já tinha os TEIP. Foi às reuniões com a ministra lá não sei aonde. E lá as pessoas perguntavam, lá os Senhores da DREL: -“ então Emília e a autonomia? E eu estranhei Bastante. Então esta gente não sabe que eu não assinei a autonomia? Eles eram os meus chefes. Não é? E eu disse não. Eu não assinei até estou curiosa. Porquê? Eu atrasei-me mas gostava de saber se foi por causa disso. É que a mim ninguém me disse nada. Nem sequer me convocaram. Nada, zero, nada não soubemos. Nem uma informaçãozinha da assinatura da autonomia. Bom entretanto, elas disseram: - Oh! Emília. ninguém te disse nada, mas tens o direito de saber. Já tinha passado. Foi a 31 de Agosto ou 3 de Setembro que tinham assinaram os contratos?

**Entrevistador:** -10 de Setembro.

**Entrevistada:** - 10 de Setembro, então foi por aí, então lá para vintes, as escolas começaram a 15 a ministra deve ter reunido por aí. Então como me disseram isto, eu então fiz um e\_mail e envie para os serviços e pedi que me explicassem qual era o motivo porque eu não tinha sido contactada.

**Entrevistador:** - Para a DREL?

**Entrevistada:** - Envie nessa altura a reformulação do contrato de autonomia e perguntei porque ninguém me disse absolutamente nada. Ninguém me

respondeu. Um dia chamam-me lá para reunir. Não.. uma grande confusão: Mande para a Dr<sup>a</sup> Júlia Araújo, tentei conversar. Porque andei ali vários dias. Tentava telefonar e era chutada para todo o lado, ninguém me atendia. Porque não era ali. Porque para a autonomia já não era com a Dr<sup>a</sup> Júlia Araújo que era com o Director Regional. Mas, depois da tal reunião em que me disseram: “mas tens o direito de saber” eu deixei de telefonar, fiz um e\_mail ao director regional com conhecimento à Júlia Araújo e aí então a Dr<sup>a</sup> Antonieta, da DREL, e é uma senhora que eu prezo muito, que acompanhou nisto dos TEIPs, é uma pessoa que explica, que não anda cá. Parece que não faz jogo. O resto parece que anda ali a tentar ver qual o lugar que vai ter. E atiram uns para os outros. É uma coisa que eu não sei não percebo. Marcou-se então uma reunião, no âmbito da autonomia, para me explicarem. Marcaram-me uma reunião, no dia tal, às tantas horas. Mas depois telefonaram, disseram que depois marcariam, que não ia ser possível, desmarcou a Dr<sup>a</sup> Antonieta mas que depois marcariam outra. Entretanto dois ou três semanas depois tive uma reunião dos TEIP aqui. E perguntei: “- então?” – “Ah! Ainda não, depois agente vê”. Nunca mais ninguém, disse nada, nunca mais. Depois uns zzzzuns zzzzuns que ouvi dizer daquilo da autonomia. Como é que correu a autonomia? Como correu o processo? E na altura alguém que também estava a fazer um estudo sobre as escolas, que foram implicadas na avaliação e fizeram depois a autonomia. Das 24, uma recusou foi o que me disseram. Foi o que me disse um colega nossa que também fez um trabalho, não sei se acabou se não. Duas não tinham assinado, uma porque recusou, uma escola de Santarém e nós. Até hoje, ninguém foi capaz, de me explicar. E aquilo que a Dr<sup>a</sup> Antonieta me disse é que não havia problema nenhum. Eu também já não estou preocupada em saber, já não estou. Sinceramente, não é claro, o motivo porque é que o não fizemos. Que houve qualquer problema parece-me que houve. Houve um problema qualquer porque senão qualquer pessoa da DREL mo poderia ter dito.

**Entrevistador:** -Então não chegou a ter a tal reunião?

**Entrevistada:** - Não tive a tal reunião, foi desconvocada, atiram-me de uns lados para os outros. A Dr<sup>a</sup> Antonieta disse-me que todas as escolas vão ter que ter a autonomia mais tarde ou mais cedo, se não fôr nesta fase, é na seguinte. Resultado eu fiz mestrado, e fiz, nesta área da autoavaliação. Não tive muito tempo, portanto a minha tese, não foi por ai além. De qualquer maneira apresentei a tese à escola, e pedi, casualidades da vida, quem foi o arguente da minha tese, foi, um dos professores que esteve no Porto e que é da universidade do Minho, cuja especialidade, é essa. Eu fiquei com o contacto dele, e no dia em que ele criticou a minha tese em determinados aspectos. A minha tese também era simples. No dia da apresentação pedi-lhe se ele podia vir aqui comentar a minha apresentação à escola. Ele veio tão atrasado que não comentou grande coisa, mas esteve aí. E eu acabei, por acaso foi em

Novembro, eu nunca mais o contactei, tenho que ver se o contacto, que me diz: “- então a autonomia? Como ficou?”. Ele próprio me diz: que foram chamados para fazer aquele trabalho todo, foram chamados a dar a opinião sobre as propostas dos contratos de autonomia, e depois, nunca mais ninguém lhes disse nada. Isto dando a entender, que eles também tinham que acompanhar o processo. Isso naquela fase, em Novembro. Portanto ele véu aqui à escola em Novembro de 2007. As assinaturas já tinham sido em Setembro. Certo? E fiquei feliz porque fiquei mal vista, por parte de algumas pessoas da minha escola. Porque a culpa é tua mas fiquei um bocadinho feliz, porque se fartou de elogiar a proposta. Não disse que era a melhor, mas o que ele disse é que a nossa proposta era das cinco melhores do grupo não se percebe. A nível da autonomia, não entendi, também não quero entender. O que eu tinha percebido é que as escolas que tinham, mesmo com o outro colega que fez o trabalho. Portanto depois saiu uma legislação agora dos contratos de autonomia entre uma coisa e outra saiu uma portaria que diz exactamente em que âmbito, como é que se constrói o projecto. Porque até ai, quando nós fizemos o nosso. Eu acho que, aquela folha, acabou por surgir qualquer coisa. Ah! É que exactamente no meio disto tudo, nós enviamos um projecto e naquela portaria é o reflexo de um e\_mail que nós recebemos. Nós enviamos as nossas propostas sem orientação nenhuma. E depois de termos enviado as propostas, mandaram-nos um modelo assim com reticências: artº1... um tópico, artº 2 ... outro tópico. Olhe, está a ver? Foi isto, foi o que nos mandaram. Agora aquilo que fizeram, tem que meter aqui dentro.

**Entrevistador:** - Já depois da reunião do Porto.

**Entrevistada:** - Já depois da reunião do Porto.

**Entrevistador:** - Mas antes da reunião da DREL.

**Entrevistada:** - Sim, antes da reunião da DREL. Nós tivemos que enfiar tudo o que tínhamos feito. Isso é que eu não tinha feito e que tive que acabar de fazer. Está a ver objectivos operacionais, competências reconhecidas à escola. Eu acho que este é o último. Compromissos do agrupamento, compromissos do ministério de educação. Exactamente, depois o que eles fizeram? Fizeram em modelo de contrato. O que nós tínhamos era uma proposta. Proposta de projecto de autonomia. Não é? E eles depois enviaram-nos um modelo de contrato e disseram: agora é isto que tem que apresentar. Ou seja obrigaram.

**Entrevistador:** A usar um modelo?

**Entrevistada:** - Deram-nos o modelo. Depois de termos feito a proposta mandaram-nos escrever o contrato. Nos TEIPs nós fizemos a proposta e eles transformaram a proposta em contrato. Não tem nada a ver. Está a perceber o que eu quero dizer? Aqui obrigaram-nos, sem orientação a fazer o contrato de

autonomia e depois, não é assim, tomem lá o modelo. Têm artº 1 “os objectivos gerais” agora enfiem aqui dentro.

**Entrevistador:** - E os TEIPs?

**Entrevistada:** - Nos TEIPs ao contrário, ensinaram-nos a fazer as propostas, estiveram a ver connosco como é que se fazem planos de actuação ao nível dos TEIPs tivemos duas formações, muito bem. Mal ou bem seguido ao não lá fizemos.

**Entrevistador:** - Foi na DGDCE?

**Entrevistada:** Foi na DGDCE disseram como é que se definem objectivos, fizeram com que todas as escolas partilhassem o que já estavam a construir. A seguir fizemos os projectos, mal ou bem enviamos. Foram os técnicos, das equipas do ministério, que transformaram aquilo tudo, em contratos.

**Entrevistador:.** - Os TEIPs têm contrato?

**Entrevistada:** Têm contrato. E portanto eu recebi um contrato dos TEIPs mas não fui eu que o fiz, eu só assinei. Percebe? É diferente. Isto aqui não, obrigaram-nos a fazer de uma maneira e depois disseram: “agora é isto. Tomem lá. E agora enviem”. O processo não teve nada a ver, foi completamente diferente. É isto.

O que é que a outra colega disse: que as outras escolas, durante o mês de Agosto, tinham sido chamadas, que eu não fui. Que tinha havido outra reunião em Lisboa. Eu não tive mais nenhuma. Portanto eu fui logo posta de parte. Portanto, eu só tive uma no Porto e outra em Lisboa. Aquilo que a outra colega me disse, não sei se é verdade ou não. Ela disse-me e que as outras escolas tiveram outra reunião e nessa reunião lhes terá sido dito. É assim, contrato de autonomia têm este modelo, ou este modelo agora escolham. E as escolas tiveram que se posicionar perante um dos modelos. Isto foi o que outra colega disse. Não sei se é verdade ou mentira. Então eu disse-lhe: “-consegue fazer-me chegar os tais papeis dos modelos?” -“ Ah! Eu vou tentar”. Mas depois nunca mais. Não sei se a tese dela foi entre se não foi. Isto portanto é o que lhe sei contar. Funcionou muito mal. Nunca ninguém me explicou. Acho que é uma falta de respeito. Se o erro foi meu, deviam ter dito. Mas não foi. Muito honestamente, nem foi erro de ninguém, até acho que se esqueceram. Eu ainda pensei: foi porque tu assinaste os TEIPs, porque eles tinham esse problema. Havia duas escolas dentro destas que eram TEIP. E Sendo TEIP estavam aqui com alguma renitência, não queriam, ou não sei. Se deveriam ser TEIP ou ter as duas coisas ao mesmo tempo, estava a ser muita coisa.

**Entrevistador:.**- Na reunião houve assim alguma coisa.

R. Na reunião houve referência a isso. Mas havia duas TEIP. Mas a outra PEIP assinou a autonomia que era a do Porto. Havia uma escola no Porto, na Ribeira, agora não me lembro do nome. Éramos as duas TEIP.

**Entrevistador:** - Uma última questão. Contrato de autonomia?

**Entrevistada:** - Contrato de autonomia? O que é para mim? O contrato de autonomia, aqui, era nem é dar-nos, muita autonomia, nós nem queremos dinheiro. Era a autonomia sobretudo pedagógica e dinheiro, efectivamente, nalguma contratação de pessoal. Que era isto que nós pretendíamos aqui. As nossas propostas que agora já não me lembro, tinha a ver com o número de alunos. Tinha a ver com a sobrelotação, com as competências definidas à escola.

- “Organizar actividades de complemento curricular para a ocupação dos tempos livres”.. Isto não é nada, é um objectivo no âmbito administrativo. Agora:

- “Compromissos” aqui é que era.

-”Promover projectos para reforçar a língua Portuguesa desenvolver projectos no âmbito da oficina da escrita”, que nós temos, mas muito fraquito, porque não temos muitas horas para isto.

-“O plano da leitura. O projecto da Leitura como Língua não Materna”.

- “A Matemática, a Educação Artística como oferta”. Nós fazemos isto tudo, mas a uma escala pequenina.

-“Reforço do desporto escolar para o primeiro ciclo”. Nós estamos a fazê-lo. Está aqui, mas nós já estávamos a fazê-lo. Nós já estávamos com os TEIPs só que nós queríamos mais. E mais porque tínhamos que ir buscar espaços. Nós teríamos que, efectivamente, tirar alguns miúdos daqui, porque já não temos espaços. Esta sala não, mas uma oficina de leitura funciona aqui ao lado. Que é um clubezinho que só está aberto à hora de almoço porque agora as pessoas faltam têm que ser substituídos. Mas podíamos oferecer na... Ficamos um bocadinho. Pelo menos eu fico. Fazemos algumas coisas mas..

Depois tínhamos - “Valorizar os resultados escolares, organizar o quadro de mérito”. Não precisamos deles para nada, já estamos a trabalhar nisto. “- Organizar secções para os pais para uma cultura e prática de avaliação. Precisamos deles para alguma coisa? Não. Precisávamos da autonomia para fazer isto? Também não. O Gabinete intercultural também está incipiente mas também temos.

**Entrevistador:** Aqui tem o que precisavam.

**Entrevistada:** - Ah! Aqui, é que era. “Redução de duas turmas na escola. Somos 45 e eu queria 43 turmas. “Passar as actuais para 43 para disponibilizar uma sala para o trabalho de professores”. “Criar pavilhões na escola”, que a câmara construiu. “Espaço de lazer” para quando chove. Falta aqui alguma coisa. “ Integração dos alunos retidos no primeiro ciclo” que corresponde ao seu nível real de escolaridade. A legislação diz que não podem mudar de turma, o que eu acho, é um disparate, porque efectivamente o professor tem dificuldade em trabalhar com dois níveis dentro da sala de aula. O que existe aqui, no primeiro ciclo, é que a lei obriga a que um miúdo, permaneça, na mesma turma, se ficar retido. Nós não queremos, queremos que o aluno fique retido noutra turma.

-“Reformulação dos critérios de permanência dos alunos excedentários do 7º ano de escolaridade que passem a ser os seguintes: - 1º) alunos com irmãos na escola, 2º) alunos com dificuldades especiais de carácter prolongado. 3º) alunos do quadro de mérito, 4º) alunos que morem mais perto da escola. Porquê? Por que os nossos alunos vão-se todos embora, sobretudo os bons. Os pobrezinhos é que ficam.

-“ Autorizar ao nível da acção escolar que se possa dar de comer” etc.

- “Autorizar nível, dos recursos humanos, utilizar no meio bloco semanal”. Mexer na componente lectiva, “da componente lectiva dos professores de língua portuguesa e matemática do 7º ano de educação física do 3º ciclo” para a articulação curricular, para reuniões, tendo em atenção, para que efectivamente, haja articulação. “Parceria mas aulas de 90 minutos nas aulas de Língua portuguesa e Matemática”. Não é nada de especial, porque já tivemos na gestão flexível, por que é que acabaram? Se é bom para o segundo ciclo ter parceiros por que não é bom para o terceiro? Não se percebe. Pois até sabemos que é economia. Portanto, o que está aqui não é nada de transcendente. Também não íamos pedir nada transcendente. Sabemos que estamos num país pobre.

-“Financiamento para os seguintes planos de formação: Professores de Didáctica portuguesa, Matemática, Ciências experimentais... tenho os TEIPs com Língua Portuguesa, vou avançar. Professores em Português com Língua Materna. Vou avançar. Não preciso deles para nada. Não preciso da autonomia para nada. Que autonomia é que querem dar? Que é controladíssima, não nos deixam fazer nada. Estão sempre a pedir, a pedir e respondam a isto, e ameaçam.

**Entrevistador:** - Os TEIPs conseguiram realizar mais...

**Entrevistada:** - Os TEIPs conseguiram realizar mais sonhos do que a autonomia.

**Entrevistador:** – Uma outra pergunta.

**Entrevistada:** – Ter mais alma do que a autonomia.

P. Como esta escola é um agrupamento e certas áreas é a câmara municipal que tem posição. Ela teve participação na proposta do contrato de autonomia?

**Entrevistada:** - Na proposta de autonomia? Teve na dos TEIPs.

**Entrevistador:** – Através do próprio presidente ou do pelouro da educação?

**Entrevistada:** – É assim, não, nem sequer do Vereador, através do representante do Vereador, que é normalmente quem está, aqui, nas escolas. Mas a forma como o TEIP foi construído, foi dito o TEIP é isto e pretende-se isto. Um dia invadiram a escola e queriam que eu fizesse protocolos, que eu ainda não os tenho assinado, com a polícia. Eu até disse: - “E como o padre? Com o padre, também?”. Com aquelas forças, que têm força dentro da... ou que têm alguma representação dentro da região. Não sei se por essa via, por o nosso conselho geral de transição chegaram à conclusão. Por ouvir as propostas do conselho geral, nem fui eu, eu só dei a cara. Não é? Veio de encontro àquilo que, na altura diziam, o parceiro quem é? O Centro de Saúde? os Bombeiros e a Escola Segura? O que vale é que a escola segura não aceitou, porque eu achava um disparate a escola segura estar metida dentro do conselho geral transitório. Os Bombeiro, não vá, que não vá. Agora a escola segura? Temos um Centro de Saúde, um Centro Comercial, que têm uma vertente cultural que é aqui no meio. Portanto, os Bombeiro, o Centro de Saúde e o CHAVI. Portanto são estas 3 entidades que foi já fruto deste processo todo. Vou-me embora posso ser uma ranhosa, refilona, bruxa etc.etc. Estivemos aqui, aguentamos todos estes anos. Aguntei eu, e aguentou toda a agente. Mas a mim custou-me muito efectivamente, porque é trabalhoso. Esta política toda, as pessoas todas revoltadas. As escolas tal como estão algumas com mais calma e outras com menos calma, mas é fruto também das pessoas que estão nas escolas. Não é? Porque são tempos muito duros e de muita revolta. Algumas coisas serão bem outras nem tanto. É preciso avaliação mas este processo não está muito bem. Nós somos professores temos que preparar aulas não temos que andar por aí o tempo todo a preparar avaliações. Não fazemos outra coisa, acho eu. E pronto o TEIP considero que deu frutos. Mesmo que possa dizer que houve ali algumas falhas e que me invadiram a escola. Então e este tens que ir ter com este. E com quem fazes o projecto então quem tens aqui na região? Convidaram-me a ir e eu disse: está bem, e depois vieram-me dizer... Eram políticas, eram linhas de orientação superiores. Portanto, o coordenador da área educativa veio aqui. Ah! Eu tinha que convocar os parceiros que eu entendi convoquei o presidente e nem sabia bem para quê. Eles vinham aqui explicavam, a junta de freguesia disse o que podia dar . O centro de saúde tentavam perceber, logo aí mexeu. É claro que não fiz

mais reuniões destas, não tenho tempo. Não fiz mais reuniões destas, mas deu mais qualquer coisa eu acho. Foi diferente a maneira como conduziram o processo.

**Entrevistador:** - Muito obrigado!